

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE-CCS
DEPARTAMENTO DE NUTRIÇÃO-DENUT

ANA LEILA DE LIMA BRASIL
Contato: ann_goby@hotmail.com

A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

NATAL/RN

2013

A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

INTRODUÇÃO

Esse texto discute sobre a educação libertária arquitetada por diversos pedagogos anarquistas como Miguel Bakunin, Pedro Kropotkin, Ricardo Mella, Paul Robin, Sébastien Faure e Fernand Pelloutier, tendo como principal referência o livro « Escritos anarquistas sobre educación » organizado por Félix Garcia Moriyón em 1986, em Madrid. Esse objeto de estudo é proposto para promover um espaço de reflexão e de debate sobre o âmbito da educação numa expectativa anarquista que será realizado no Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo, em São Paulo, Brasil.

Tendo em base o objetivo desse encontro, tencionar sobre a produção do conhecimento científico a partir de uma perspectiva anarquista, não se pode excluir a educação libertária dentro desse diálogo visto que ela é uma ferramenta essencial de análise crítica da própria educação vigente. Esta é particularizada pela autoridade, punição, competitividade, unilateralidade, pelo treinamento e pela adstração e modelação de indivíduos para adequação, adaptação e integração à sociedade atual, não levando em consideração às diversidades de personalidade. Sendo assim, a educação libertária contribui inevitavelmente para a formação de novos valores para o domínio educativo, incluindo o conhecimento científico que deveria ser utilizado para a liberdade e não para a dominação e fragmentação de indivíduos.

Ana Leila de Lima Brasil
Natal, RN

A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

O homem ainda necessita de educação? Afinal, o que o homem necessita hoje? A educação pode dar tudo o que o homem necessita na época atual? A educação representa realmente uma necessidade humana? Quando se deve educar? Qual é a origem da educação? O que aconteceu com a educação no Brasil ao longo da história? Estas são reflexões feitas inicialmente a esta dissertação para cogitar sobre a relação entre o homem e a educação, fazendo uma analogia entre a educação e uma necessidade humana histórica.

As palavras “saber” e “sabor” vem da mesma origem, do latim *sapor* e do verbo *sapere*, que significam “ter gosto, sentir gosto”, ou seja, ter saber ou sabedoria significa ou significava “sentir o sabor do conhecimento”. Mas, onde está o sabor do saber hoje em dia? Ao longo da história, a educação no Brasil perdeu seu sabor desde da chegada dos primeiros europeus no território. Com os jesuítas, a educação indígena foi estorvada com a inserção de modelos pedagógicos tradicionais articulados na Europa. Por incrível que pareça, a educação brasileira é ainda baseada nesses modelos arcaicos que foram intensificados junto com a tendência tecnicista nos tempos da ditadura para alimentar o surto industrial. Logo, o que se indaga é a instalação histórica de uma marca educacional representativa exclusivamente de classes abastadas e bastardas.

Desde o seu surgimento, o anarquismo questiona a ordem social efetiva, tentando idealizar uma nova estrutura social e buscar métodos para a fundação e a continuidade de uma proposta de transformação social baseada na filosofia anarquista. Como um recurso estratégico para essa inovação social, a educação libertária participa conscientemente no desenvolvimento de planos teóricos e práticos para a promoção da própria filosofia anarquista. O (re)conhecimento desses planos é importante para conduzir a prática anarquista no caminho apresentado pelo pensamento original libertário, evitando o risco de desorientação e de confusão sobre os verdadeiros princípios da filosofia anarquista, como o princípio da liberdade.

A história mostra que todas as tentativas de colocar em prática uma teoria de organização social foram caracterizadas pela submissão dos sistemas sociais aos sistemas político-ideológicos que

se instalam numa forma autoritária de poder e de dominação social. Para evitar essa influência histórica no movimento anarquista, a educação libertária assume o papel de preservar a conduta anarquista para que ela não manifeste esse modelo de instituição do poder sobre a sociedade, não impondo nem mesmo seu próprio critério. Levando em consideração que todo tipo de ideologia pode ser um meio para a repressão, cabe aos ativistas anarquistas adotarem um programa estratégico educacional a fim de reforçar esse princípio de liberdade nos processos de metamorfose social.

Pode-se dizer que um grande desafio da educação libertária é romper os valores tradicionais instalados profundamente no ciclo educacional científico da especialização precoce e ilegítima, da fragmentação laboral injusta, do tecnicismo catequizante e do mecanicismo ocupacional. É bom lembrar que a educação anarquista não visa solidificar saberes dirigentes e nem criar teorias a serem seguidas cegamente. Por exemplo, a educação tecnicista não é necessariamente abolida, mas inserida de acordo com as necessidades humanas. É necessário perguntar se cada sociedade quer ou precisa desse aparato tecnológico sofisticado, ou elementar, trazido com ajuda da ciência.

Na Era da informação, as tecnologias de informação e comunicacionais estão presentes nos espaços cotidianos. Em uma sociedade onde a maioria é viciada em televisão, o poder educativo midiático tem uma influência forte na construção de valores estereotipantes que refletem diretamente no funcionamento social. Por outro lado, os anarquistas primitivistas fazem uma crítica à relação entre o homem e a tecnologia, mostrando que se torna fácil idolatrar a técnica em detrimento de outras sabedorias em uma época quando o objetivo é exatamente o de idolatrar esses produtos burgueses, pois a tecnocracia é o combustível principal da máquina-capital.

Para refletir sobre essa questão, pode-se discutir a visão habermasiana de política democrática deliberativa: cabe a sociedade realizar um exercício discursivo dialógico ambilateral e contínuo para ter-se uma troca mútua de ideais por intermédio do poder argumentativo. A comunicação proposta por Habermas possibilita a formação da opinião pública através do diálogo racional e transparente para a compreensão recíproca e a aceitação mútua de um posicionamento qualquer dentro do funcionamento social [domínio político, econômico, ambiental, cultural, espiritual (o que seria do homem sem suas crenças?)], levando em consideração o contexto cultural de cada região (cada espaço geográfico tem sua cultura, ou seja, há a pluralidade ótica sobre o mundo que vai

influenciar o movimento social). A decisão maioritária pode ser revogada em qualquer instante quando um argumento mais forte é proposto pela própria maioria ou por uma minoria; num processo contínuo de aprendizagem, transformação e mutação estratégica. É interessante lembrar também que essa democracia está relacionada com a auto-coordenação social sem a preponderância das leis burocráticas e patenteadas (por exemplo, a ideia de plágio intelectual é extremamente autoritária, pois dá autoridade a alguém sobre um conhecimento que deveria ser usado livremente por todos), deixando aberto um sistema social para a entrada de diversas influências de outros sistemas sociais (não apenas humanos, mas de todos sistemas sociais do ecossistema) e assim, forma-se uma rede intercambial eco-democrática (ruptura com a visão antropocêntrica autoritária).

Essa política democrática deliberativa objetiva a integração social absoluta devido a responsabilidade totalitária [responsabilidade social não significa submissão social, pois na filosofia anarquista, se valoriza tanto o individual, tanto o coletivo (um depende do outro)] aos integrantes pelas causas e conseqüências dos futuros resultados da decisão que foi feita em conjunto. Uma característica considerável das deliberações harbemasianas é a promoção do princípio de igualdade que envolve a maneira participativa igualitária a todos os integrantes de um debate, como a possibilidade de todos serem ouvidos, a introdução de temas livres, a produção livre de colaboração subjetiva e a crítica autenticamente livre.

Um outro ponto marcante é a abominação anarquista pela hegemonia da ciência elitista e intelectualóide cujo financiamento é feito pela Indústria burguesa. Essa conexão entre ciência e poder desperta receio sobre a sua episteme que é embutida socialmente de forma alienante para a manutenção do poder dessa academia aristocrática e mediadora da “verdade” e principalmente, do poder do sistema produtivo de consumo que é responsável por diversas injustiças, como as desigualdades sociais e a destruição do meio ambiente e da diversidade cultural. A mensagem de liberdade, igualdade e fraternidade dos antecedentes burgueses da Revolução Francesa perdeu seu rumo ao longo da história com seu rompimento com o proletariado que carrega a função servil de todo trabalho maquinal.

A ideia é resgatar uma nova reputação para a ciência com o intuito de conceber-lhe um

sentimento universal humano e uma nova missão: aquela de suprimir os conceitos equivocados formulados pela ignorância escravista, pelo fanatismo opressor e conservadorismo explorador. Ao ser vista como uma regeneradora da autonomia social através do seu poder crítico da realidade capitalista e inspirador de novos comportamentos sociais, e ainda através das suas principais características, o empirismo (observação e experimento) e a racionalidade (científica e até filosófica), a ciência perderia seu aspecto autoritário de conquista de poder sobre o conhecimento, deixando de ser alicerce da Indústria para ser um instrumento puramente livre de oscilação e (re)coordenação social.

No entanto, a difusão da ciência na sociedade irá somente alcançar esses resultados, se houver uma mudança radical na educação infantil, juvenil e do adulto em todas as instituições educacionais (família, escola, etc.) com o propósito da instauração de valores anarquistas como a liberdade, a solidariedade, a resistência aos poderes, o antiautoritarismo, a autogestão descentralizada, a autodecisão, a autodidaxia e a autonomia em todas as dimensões pessoais e sociais. Esses valores devem ser transmitidos pela educação sem nenhuma hierarquia (divisão de classes desencadeia acesso desigual à educação), nenhuma competitividade e nenhuma disciplina, e ainda colocados em ação através do equilíbrio entre o trabalho braçal e o intelectual, acarretando um ensino geral e integral com a inclusão de todas as áreas do conhecimento humano tanto para a teoria, tanto para a prática. Essa integridade é importante para a construção de virtudes definidas pela própria personalidade do indivíduo e não pelo governo estatal.

Afirma-se que “o homem é o lobo do homem” por causa da sua civilidade que o corrompe, como o próprio Rousseau tentou mostrar que a natureza é o meio primário de aprendizagem. Então, se pode afirmar que o homem necessita da educação, pois ele está inserido em processos civilizatórios? Eu diria que a educação se torna necessária já que o homem é um ser cultural, e a educação é construída com a cultura, pois esta é a própria experiência vivida. Para dar sabor ao saber se deve aprender na prática da vida que é muito mais saboroso do que aprender na teoria da vida. E valorizar a própria cultura não é ser conservador, mas reafirmar uma expressão construída coletivamente e não construída pela mídia, por exemplo.

Além disso, diria até que o homem é a borboleta do homem, porque cada homem representa um resultado de uma metamorfose para cada homem. Um ser não é apenas uma

circunstância orgânica ou um objeto de estudo para a ciência, mas uma vibração metamórfica. Com a educação integral, essa vibração poderá atuar ativamente na vibração coletiva segundo suas capacidades (bio)cognitivas que podem ser estimuladas pela gnose científica. O objetivo seria tirar a teoria dos livros para a prática no meio público, uma vez que o anarquismo se firma no pragmatismo e não no dogmatismo. Então, a educação libertária se fundamenta no “aprender fazendo” no qual se inclui a sabedoria popular e não das instituições burocráticas do Estado, como a escola, a igreja e os meios de comunicação.

Para exemplificar melhor, pode-se abordar a tendência pedagógica progressista libertária que tem como princípio a mutação do perfil dos educandos numa direção libertária e autogestionária. A pedagogia libertária objetiva opor-se contra o controle do Estado nas estruturas burocráticas educacionais baseadas no autoritarismo estatal que privam a autonomia aos educandos, danificando seu desenvolvimento natural em direção à liberdade. Os educandos se aplicam em seus estudos de acordo com suas necessidades ou as aspirações de um grupo que estejam envolvidos de maneira sinérgica. O educador não exige compromissos, não impõe punições e não adéqua passivamente os educandos em moldes pré-estabelecidos, cumprindo apenas uma função de guia e estimulador e assim, torna-se participante ativo da reflexão coletiva. “‘Conhecimento’ aqui não é a investigação cognitiva do real, para extrair dele um sistema de representações mentais, mas a descoberta de respostas às necessidades e às exigências da vida social.”¹ Porém, não se pode esquecer que a educação científica vai além da deferência às vontades individuais ou coletivas: ela é principalmente um fator abolicionista dos preconceitos heterônomos e das doutrinas dogmáticas vindos do discurso político e midiático que vão estar presentes em todos espaços educacionais. Por isso, Illich afirma que é impossível uma educação universal através da escola, visto que ela distorce valores humanos, identificando “erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal.”²

Pode-se admitir centralmente uma relação comum entre a educação libertária e a ciência:

¹ LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990 p.26

² ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis, Vozes, 1973/77

a superação de desafios que a própria vida consolida aos seres humanos. O ensino libertário utiliza a solidariedade e o apoio mútuo que evitam a competição entre os educandos. Um processo hierárquico seguido do sentimento de poder vai se formando por meio dos distintos graus de qualidade no nível da inteligência entre os indivíduos. Esses distintos graus são evidentemente “naturais”, pois não existem pessoas com as mesmas faculdades intelectuais devido aos estímulos heterogêneos dos sentidos que dão ao homem concepções e estados de consciência diferentes. Então, formam-se diversas dimensões de interpretação que cada ser possui com o seu espaço (fator específico, mas ele não é uma forma autoritária e nem submissa. A ideia de que as forças externas estão em equilíbrio com as forças internas do homem. Quando meu pensamento interior muda, o mundo exterior muda).

O homem compreende o seu meio e se relaciona com ele através das suas sensopercepções biosomáticas, do contexto cultural que está introduzido, da sua personalidade em transformação contínua, da sua maneira de ver o mundo, de todas as circunstâncias que ele está inserido e dos valores e das atitudes que ele escolhe e pratica para o seu bem-estar, mas também a ética se faz necessária para um convívio minimamente humano. Pode-se fazer referência à ética kantiana que é aquela do “dar o exemplo”, sem impor uma teoria ética ou valores morais. Então, deve-se considerar a diversidade humana de concretização de ideais/ideologias/crenças, de sensações e de percepções entre as relações humanas e suas interpretações individuais como um instrumento de expansão do conhecimento humano que deve ser utilizado para o auxílio comunitário e criar uma simbiose com todo o mundo. Não se deve incentivar um antropocentrismo superior, a competitividade/guerra e a destruição do meio natural e cultural. Nessa essência, a experimentação animal na “ciência” é um exemplo concreto do próprio detrimento da própria ciência.

Nesse sentido, pode-se afirmar que não existe educação neutra e assim, todo programa pedagógico anarquista deve reflexionar sobre essa diversidade, englobando conceitos como a alteridade, a ausência de uma verdade absoluta e principalmente, a reciprocidade de obrigações e interesses para harmonizar a apreensão dos outros princípios anarquistas, como o antiautoritarismo, a liberdade e a integralidade. Sendo a educação o principal meio para a construção de um mundo mais justo (a definição de justiça é subjetiva para cada ser), então ela deve permitir que todo ser humano tenha a capacidade de aprender a se relacionar com todos os seres terrestres e de aprender a ver,

entender e viver o mundo experimentado, respeitando a diversidade de todos os seres e fazendo entender que os conflitos naturais e sociais são processos inatos para o aprendizado, a evolução e o progresso humano que só podem ser realizados com a união e cooperação de todos.

E a ciência, onde ela participa desse processo de superação humana? Para responder a essa questão é necessário passar pela história da evolução científica. A partir do sexto século antes de Cristo, houve uma transição do pensamento mítico para o filosófico, dos poetas do período arcaico grego para os filósofos pré-socráticos, as explicações mito-poéticas para os fenômenos naturais, deram lugar ao pensamento racional/calculador, a compreensão da realidade saiu da esfera das deidades e se voltou sobre a natureza, o homem passou a explicar os fenômenos naturais e sociais baseando-se na razão, na lógica dos fatos, na racionalidade científica e filosófica, deixando o pensamento “mágico” dos mitos e religiões.

No Iluminismo, o pensamento humano voltou-se para o materialismo cartesiano, onde originou a ruptura entre as ciências exatas, as ciências naturais e as ciências humanas. Essa fragmentação do conhecimento científico causou a formação de academias intelectuais especializadas na epistemologia prática das ciências fragmentadas. Dessa forma, a função da ciência deixou de ter o aspecto unitário para ter um aspecto hierarquizado, alterando seu papel de transformador social para o papel político de saciar a curiosidade intelectual e obter poderes sobre as massas.

Segundo Edgar Morin, a educação baseada em disciplinas fragmentadas bloqueia a aptidão inata da essência humana em contextualizar. A ciência deve ser incitada e ampliada através do ligamento das partes ao todo e do todo às partes, como dizia Pascal: “Não se pode conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer as partes”³. No contexto anarquista, a ciência e a educação libertária devem funcionar juntas para a fundamentação da sistematização social, como diria a Judith Suissa: “Anarquismo talvez ofereça mais questões que respostas, mas essa são questões que, creio, podem enriquecer o debate. Uma análise da perspectiva anarquista pode nos ajudar a pensar de forma diferente sobre o papel das concepções, sonhos e ideais na educação. Isso sugere que talvez poderíamos pensar educação não como meio para um fim, não como um fim em si

3

MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios, 4 ed. – São Paulo: Cortez: 2007.

mesmo, mas como um dos muitos espaços das relações humanas, nos quais a interação entre a concepção e suas possibilidades de materialização pe objeto de constante experimentação.”⁴ A vida é uma escola, a vida é uma grande experiência.

CONCLUSÃO

Depois dos relatos acima, fica-se a noção de que os libertários podem contribuir de maneira sistemática para o curso de um mundo mais íntegro e legítimo com sua crítica à educação moderna ocidental que não respondem em nenhum momento aos ideais de justiça. A ciência moderna, voltada para a preservação de uma nobreza privilegiada que détem o poder sobre sua legião de escravos inscientes da sua própria desgraça e miséria humana, não consegue atender os objetivos da humanidade que tentam concretizar uma comunidade isonômica.

Dessa forma, sente-se a necessidade urgente de modificar essa percepção dos fundamentos científicos para urdir pilares sólidos para a sustentação da filosofia anarquista dentro da ótica educacional, formando um ciclo de solidariedade e autogestão para a superação de conflitos ocasionados pela próprias circunstâncias instáveis da vida causadas pela própria ignorância humana e seus descuidos inábeis. É através da ciência que o homem deveria buscar a libertação da ignorância e da impulsividade geradoras de hostilidade e infâmia.

Nesse sentido, pertence a educação libertária o cargo de debutar essa passagem revolucionária cobijada pelos movimentos anarquistas, pois não se pode abolir o Estado, a propriedade privada, o individualismo, a ordem capitalista, a repressão, a opressão e todas as estruturas de submissão com alienados e apedeutas ativistas. Como Paulo Freire tenta esbelecer uma educação no sentido de compromisso com a vida, uma “prática da liberdade”, uma reflexão para o autodescobrimento e autoconquista da própria história/origem para ultrapassar a dominação existente. “A verdade do opressor reside na consciência do oprimido”.⁵

⁴ SUISSA, Judith. Anarchism, Utopias and Philosophy of education. Journal of the Philosophy of Education. London, UK. 2001. Tradução de Gildemarks Costa e Silva.

⁵ Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Coleção O Mundo, Hoje. Vol. 21. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 16a ed. 1983

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MORIYÓN, Félix Garcia. (Org.) Educação libetária. Ed. Artes Médicas. Porto Alegre, 1989.
- ROMANELLI, Otaíza O. História da Educação no Brasil (1930-1973). Petrópolis: Vozes, 1997.
- OLIVA, Alberto. Filosofia da ciência. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1950.
- LIBÂNIO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1990 p.26.
- NASCIMENTO, Rogério. (Org.) Educação anarquista: saberes, ideias, concepções. Vol.1 Imprensa Marginal Editora. São Paulo, 2012.
- SILVA, Filipe Carreira da. Habermas e a esfera pública: reconstruindo a história de uma ideia. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 35, abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292001000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 ago. 2013.
- RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ARAÚJO Mônica Queiroz; ALCANTARA, Denise de. Os sentidos humanos e a construção do lugar: em busca do caminho do meio para o desenho universal. UFRJ. Disponível em <http://www.fau.ufrj.br/prolugar/arq_pdf/diversos/os_sentidos_humanos_safe.pdf>. acessos em 01 set. 2013.
- BALLONE, G. J. Percepção e Realidade, PsiqWeb, Internet. Disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=206>>. acessos em 01 set. 2013.
- ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis, Vozes, 1973/77.
- MORIN, Edgar. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios, 4 ed. – São Paulo: Cortez: 2007.
- SUISSA, Judith. Anarchism, Utopias and Philosophy of education. Journal of the Philosophy of Education. London, UK. 2001.
- Vários autores. Diálogos em Pedagogia Libertária: memórias da 1ª jornada de pedagogia libertária. 1ª ed. Difusão Libertária. Recife, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Coleção O Mundo, Hoje. Vol. 21. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 16a ed. 1983.